

A PESTE DE ATENAS, *MITHISTÓRIA* EM MINIATURA: O *DAÍMON* E A HEROICIDADE DO HISTORIADOR¹

FRANCISCO MURARI PIRES
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

Resumo: O ensaio se propõe tecer uma (re)leitura da narrativa tucidideana da Peste de Atenas em a apreciando como uma *mithistória* em miniatura, ou seja, uma narrativa historiográfica na escala factual de um singular acontecimento de que a narrativa contempla o nexo de princípios narrativos configurados pela concepção tucidideana da história nos termos em que foram expostos em nossa obra anterior (*Mithistória*, 1999). O ensaio sugere que a hermenêutica desse texto tucidideano supõe a dualidade complementar de um jogo semântico: a afirmação do lógos dominante da linguagem em que ele se exprime ocultaria como recessiva a memória da linguagem do mito que seria (*im*) perceptivelmente elidido.

Palavras-chave: Tucídides, A Peste de Atenas, *mithistória*.

1. *Mithistória* em miniatura

A *Peste de Atenas* é uma história essencialmente tucidideana, integrada à memória como acontecimento da *Guerra dos Peloponésios e Atenienses*.

Era, diz Tucídides, o segundo ano de guerra (430 a.C.), logo no início do verão, há poucos dias apenas iniciada a incursão anual do exército peloponésio a devastar os campos da Ática, quando uma outra desgraça adveio. Na simultaneidade dos acontecimentos narrados pelo historiador, as calamidades do tempo de guerra figuram paralelas imagens de instâncias invasoras porque Atenas é atingida, agora também por irrupção de pestilência terrível. Esta viera de bem longe, originária da *Etiópi*a²

¹ Para Filomena Hirata, em comemoração de décadas de amizade e convivência acadêmica, uma pequena história, talvez algo *trágica*.

² Correspondente ao Alto Egito, Sudão (Gomme, 1956: 147). Estrabão (XVII.3.10, p. 830), contestando os informes de Posidônio acerca da aridez das terras líbias, reconhece, entretanto, sua validade para a área mais “interior do país”, devido à “carência de chuvas

(*acima* do Egito), e de lá *desceu* pelo Egito e Líbia percorrendo os países do Rei (persa). *Subitamente* irrompeu no Pireu e, avançando, *caiu* sobre a cidade.³

O contágio restringiu-se aos arredores de Atenas⁴, de lá apenas passando para Potidéia, levada pelas tropas de reforço ao cerco da cidade enviadas logo após sob o comando de Hágnon e Cleopompo⁵. Em particular, lembra Tucídides, “jamais adentrou o Peloponeso”. Chegou-se a “comentar” que os espartanos haviam “apressado” sua partida da Ática “temerosos” pela mortandade que por lá grassava”, o que o historiador, entretanto, contradiz, considerando-se que a invasão daquele ano “devastara o país todo” e fora “a mais longa de todas, durando cerca de quarenta dias”.⁶

A essa primeira incidência, seguiu-se novo surto três anos depois (427 a.C.), já inverno.⁷ A doença golpeara “pesadamente os atenienses”⁸, vitimando “não menos de quatro mil hoplitas mais trezentos cavaleiros, sem que se pudesse estimar o total das demais perdas”.⁹ Nada”, nessa guerra, “lhes fora mais opressivo e abatera mais gravemente seu poderio”¹⁰.

Fora Tucídides, os autores antigos pouco mais sabiam da peste de Atenas, dedicando-se mormente a conjecturar as causas daquele terrível fenômeno.

Diz Diodoro Sículo que os atenienses, porque impressionados pela gravidade do infortúnio que os abatera, acreditavam-se vítimas da cólera divina. Consultado o oráculo, Apolo lhes ordenara que purificassem Delos por causa de enterramentos que conspurcavam seu solo, o que eles fizeram escavando as sepulturas e transferindo os restos dos corpos para Renéia, ilha contígua. Passaram, então, uma lei interditando doravante quer nascimentos quer sepultamentos na ilha con-

nas partes setentrionais”, o que igualmente ocorria na Etiópia, razão por que lá proliferavam “as pestilências”, assim favorecidas por ambiente de “secas, lagos lamacentos e gafanhotos”.

³ Tucídides II.48.1-2.

⁴ Tucídides II.54.

⁵ Tucídides II.58 [as ilhas]

⁶ Tucídides II.57.

⁷ Tucídides III.87.

⁸ Tucídides II.53.

⁹ Cerca de um terço do montante total de ambas. Estimam os críticos modernos em por volta de quinze mil as mortes de homens adultos (M;H. Hansen, referido por Hornblower v. 1, p. 494) e em torno de setenta a oitenta mil as baixas gerais dos atenienses (Gomme v.2, p. 388).

¹⁰ Tucídides III.87.

sagrada a Apolo, e retomaram as celebrações das *Delianas*, outrora realizadas, mas que há muito já não observavam.¹¹ Pausânias conhecia uma tradição similar, pois, ao mencionar a estátua de Apolo dito '*Alexicacos*' ("que livra do mal"), obra de Calamis, por ele vista na ágora de Atenas, explicava sua denominação, ao que se dizia, de ter sido "em virtude de um oráculo de Delfos que cessara a peste que devastara a cidade durante a guerra do Peloponeso".¹² Por outro lado, ainda Diodoro Sículo intenta, especialmente por "dever de ofício historiante", arrazoar "a causalidade daquela pestilência maligna", aventando qual conjugação de fatores naturais a teriam gerado. Por princípio de tudo, as pesadas chuvas inverniais que, inundando as terras, especialmente em áreas baixas, estenderam charcos de água estagnada assim pantanosos, naturalmente pestilentos, a contaminar os ares por fumaças de vapores adensados que emanam das águas putrefatas quando o verão as aquece. Pela mesma razão, as searas encharcadas produziram alimentos de péssima qualidade. Terceira causa, a ausência naquele ano dos ventos etésios, que normalmente refrescam o calor dos corpos no verão, de modo que o ar, então causticante, mais debilitou as pessoas tomadas por tais agruras de estado febril que as levavam, em seu desespero, a atirarem-se nas cisternas e fontes.

Também de época romana, Plínio o Velho registrou notícia que confiava ao saber médico hipocrático a extinção da pestilência, fosse o próprio Hipócrates fosse um de seus filhos ou assistentes quem viera em socorro de Atenas.¹³ Os tratados médicos da escola de Cós que até nos chegaram não fazem, entretanto, qualquer alusão à peste de Atenas¹⁴, embora tenham contemplado a descrição de uma epidemia em Tasos.¹⁵

Narrando o acontecimento na *Vida de Péricles* por informe resumido do relato tucidideano, Plutarco não deixa dúvidas em associar o advento da peste à atuação divina, "algum *daimónion*", referida pelos termos mesmos empregues no relato de Tucídides, de que o biógrafo dá uma versão extremamente resumida.¹⁶ Em outro de seus textos, Plutarco¹⁷ fazia menção à teoria dos democriteanos, que

¹¹ Diodoro Sículo XII.58.

¹² Descrição da Grécia I.3.4.

¹³ NH vii.37.

¹⁴ Gomme 2.149.

¹⁵ Epid I.8 v. 2 p. 640 (referido por Grote)

¹⁶ Plutarque, 2001: 352 e 1996-1997; Plutarch, 1958: 98-99; Swain, 1989: 272 e 275.

¹⁷ Moralia VIII.9 733d (Conversas de Mesa).

assimilavam o advento da peste pela inteligibilidade da teoria dos átomos, localizando sua fonte em “fluxo atômico externo” a nosso mundo, vindo do “infinito”.

Mas a peste de Atenas configura, na narrativa tucidideana, mais do que o relato de um mero acontecimento, estando antes conformada como (um) *a história* em *miniatura*¹⁸, apreciada na escala pontual de um fato. Na espécie de prólogo¹⁹ condensado com que Tucídides a apresenta, o historiador contempla sinteticamente a consideração das razões de todo o complexo de princípios historiográficos que ordenam a narrativa²⁰:

- o atributo *axiológico* que a institui como fato histórico, *digno de um lógos*, pois episódio de grandeza singularmente excepcional, tanto em razão de sua potência lutuosa – *não havia registro anterior de uma tão grande pestilência e destruição de vidas humanas* – quanto de suas *formas de manifestação totalmente inéditas*, jamais assim vistas, em todos estigmatizando a ignorância, o que não menos contribuiu para por os atenienses em estado de total impotência quanto a evitar a consumação daquela desgraça trágica, não obstante todos os ingentes, heróicos, esforços de luta contra a doença, quer recorrendo a conhecimentos médicos quer a apelos piedosos;
- ignorância humana tanto maior que confundia qualquer veleidade humana de dizer *a etiologia* daquela manifestação patológica, de que cada um, *fosse médico ou leigo*, aventava *por sua própria experiência qual fosse sua provável origem* e quais *causas, no seu entender, seriam capazes de provocar uma tão grande transformação*, compondo tantas apreciações opinativas, quer de médicos quer de leigos, igualmente (in)válidas em sua diversidade mesma, razão porque o historiador dispensa a (in)utilidade de seu exâme;
- apreensão cognitiva do acontecimento, entretanto, por *teleologia* tanto mais *valiosa* se o discurso que o narra expuser apenas *a facticidade do fenômeno*, dizendo *qual coisa ela foi, os sinais observados* para melhor poder, *caso venha a se reproduzir*, ter o *proveito de um saber* antecipado de modo a não deixarem de *reconhecê-la*;

¹⁸ Assim apontado por John Percival (1971: 208): "It has long been realized that the account of the plague is a miniature version of the main account of the war".

¹⁹ Tucídides II.47-48.

²⁰ Para os princípios (historiográficos) da narrativa confirmam-se nossos estudos em *Mithistória* (Murari Pires, 2007) e em *Quaderni di Storia* (Murari Pires 2003b).

- confiança historiante porque assegurada por *metodologia* de primorosa *autópsia*, toda fundamentada nas ações cognitivas da presença observacional, de quem a expõe por ter, *pessoalmente, sofrido o mal e visto outras pessoas atingidas*;
- por fim, demais preceitos de princípios historiográficos todos enquadrados, não há ao historiador senão dar início à narrativa pela narrativa do início, porque se abre a *arqueologia*, dizendo da manifestação factual primeira porque começa a doença: *uma violenta febre na cabeça ...*”.

2. O *lógos* (im)preciso

Tucídides preocupou-se em dispor em seu relato uma descrição atenta e minuciosa de todos os sintomas e distúrbios, quer corpóreos quer comportamentais, causados por aquela portentosa deflagração patológica que então vitimava Atenas. Zelava, ao assim historiar o fato, por legar aos homens vindouros o conhecimento informativo preciso que lhes capacitasse reconhecer, no futuro, um eventual novo surto daquela epidemia que atrozmente surpreendera seus contemporâneos. Relato de ambição cognitiva tanto melhor fundamentada porquanto decorrente de plena experiência observadora: não só ele mesmo fora contaminado a experienciar no próprio corpo seus sintomas como ainda contemplara os efeitos em seus conterrâneos.

Diz que ela irrompia subitamente por calores febrís violentos na cabeça, mais vermelhidão e inflamação dos olhos e logo abaixo sanguinolência e bafo fétido que tomavam garganta e língua. Daí sucediam-se ataques de espirros e rouquidão, após o que as dores alcançavam o peito com forte tosse. Tomado o coração, desarranjos por defluxos de bile (de todos os tipos conhecidos pelos médicos) acompanhados de intenso sofrimento, a que se seguiam na maioria dos casos anseios de vômito inconclusos mas causando violentos espasmos durando mais ou menos dias. Externamente o corpo não aparentava demasiada quentura ao toque, nem palidez, mas sim avermelhado com irrupções de pequenas pústulas e úlceras. Já internamente, pelo contrário, a sensação de abrasamento era tal que não se suportava sobre o corpo qualquer veste por mais leve que fosse, a mesmo ficarem nus, e a desejarem apenas atirarem-se em tanques de água fria em suas agonias de uma sede, todavia, mesmo assim inextinguível. Desconfortos e sofrimentos que atormentavam continuamente sem qualquer alívio de repouso ou sono. No ápice dessas crises abrasadoras internas, sucumbia-se em geral em sete ou oito dias, sem contudo terem-se dissipado ainda todos os vigores do corpo. Mas caso superassem esse estágio e a doença descesse para os intestinos, úlceras violentas acompanhadas

de fortes diarréias causavam uma fraqueza agora geralmente fatal. Pois os distúrbios, primeiro localizados na cabeça, daí percorriam todo o corpo abaixo, e mesmo quando não letais, deixavam suas marcas nas extremidades – partes pudendas, dedos e artelhos – com muitos escapando da morte, mas privados de seu uso, alguns mesmo dos olhos; já outros eram tomados de amnésia. (II.48-49).

Por tal complexo sintomático de manifestações corpóreas Tucídides pretendeu orientar os prognósticos que reconhecessem as eventuais reincidências futuras da peste de Atenas. Entretanto, por tão mais enigmática ironia a frustrar os propósitos do célebre historiador, desse preciso quadro de pestilência tucidideana não se teve mais notícia na história, excetuadas as lembranças de composições literárias que por ele antes modelavam suas descrições de outras irrupções de epidemias pestilentas.

Há já bom tempo que os críticos modernos tentam decifrar o enigma da peste tucidideana, nesse período sucedendo-se mais de 200 artigos e livros por centenas de eruditos, a proporem não menos do que umas 30 doenças diferentes.²¹ Especialmente no último meio século, contando agora com os progressos acumulados do conhecimento científico dos fatos epidêmicos, médicos e filólogos associaram esforços por resolver o mistério da identificação da peste de Atenas valendo-se do catálogo de suas categorias modernas. Na roda das conjecturas a evolução da dança rodou, no último meio século, por sarampo (Shrewsbury 1950 e Page 1953) para tifo (MacArthur 1954 e Gomme 1956), ergotismo (Salway e Dell 1955), peste bubônica (Williams 1957 e Hooker 1958), mormo (Eby e Evjen 1962), tifo (Lichtenthaeler, 1965), catapora (Littman e Littman 1969), leptospirose ou tulaeremia (Wylie e Stubbs 1983), influenza mais infecção estafilocócica (Langmuir e outros 1985), “toxic shock syndrome” (International Herald Tribune, 1985), febre de Rift Valley (Morens e Chu 1986), Marburg-Ebola (Scarrow 1988), catapora (Sallares 1991), tifo ou catapora (Morens e Littman 1992), febre Lassa (Hopper 1992), e Ebola (Olson e outros 1996).

Todavia, cadeia inconclusa de especulações alternativas, apenas parcialmente enquadrando identificações de alguns sintomas contra, entretanto, a arbitrariedade da desconsideração de outros divergentes.²² E, ainda, projeções viciosas de identificação, a por vezes derivar, já pelos dados patológicos modernos

²¹ Morens e Littman (1992: 271).

²² Confirmam-se os comentários ajuizadores das (des)razões de tais intentos identificadores da nomenclatura científica da Peste de Atenas em *Mithistória* (Murari Pires, 1999: 452-457).

de categorização das epidemias, as traduções dos, entretanto, “imprecisos” termos dos complexos sintomáticos presentes no texto tucídideo. Assim, que *phluktainai* refira ou “pústulas ou manchas-urticárias, implicando doença exantematosa por lesões de pele ou rasas ou intumescidas”, antes advém da projeção identificadora a privilegiar, “se pústula, a escarlatina, ou, se lesões, as glândulas inflamadas de peste bubônica”.²³ Já deslocando-se o valor semântico médio-passivo de *steriskomenoi* (ser privado de, perder o uso de) pelo valor ativo (secionar, cortar), (des)entende-se a inutilização do órgão (ficar cego) como amputação (ter o olho tirado fora), a agora privilegiar a identificação por doenças gangrenosas, tais tifo ou ergotismo, ou influenza com agravamento de infecção estafilocócica.²⁴

Deparamo-nos aqui, adverte Morgan²⁵, com uma dissociação de quadros conceituais de teorias médicas – o antigo e o moderno – que, por suas diferenças de padrões de precisão na definição de seus termos denominadores dos sintomas patológicos, inviabiliza a identificação de um pelo outro. Tanto mais que (cor) respondem, um e outro, a teleologias cognitivas díspares: a medicina científica moderna de fundamentação ontológica ou patofisiológica, ao passo que a antiga, hipocrática, orienta-se antes pelo princípio do desequilíbrio-desbalanceamento dos humores corporais como etiologia da doença. Assim, advertiram já Poole e Holladay: nessa nossa busca talvez estejamos a perseguir um fogo-fátuo!²⁶

3. O daímon e a heroicidade do historiador

Ora, mas por quais distintas figurações históricas o olhar do sujeito historiante, Tucídides, disse a memorização discursiva porque ele percebeu e caracterizou o acontecimento *Peste de Atenas*?

A peste, diz Tucídides, veio de longe e percorreu longo percurso até alcançar Atenas. Principiou na *Etiópia*, acima do Egito, e de lá *desceu* pelo Egito e Líbia para então subitamente irromper no Pireu, de onde, avançando, *caiu* sobre Atenas.²⁷

²³ Morgan (1994: 202-203).

²⁴ *Ibidem*, p.203; considerem-se, similarmente, as análises de Hooker [1958] a intentar razões por que a referenciação do texto tucídideo – *elkhe* – devesse ser equacionado por *boubon*.

²⁵ Também já antes teceram advertências a acusar a inviabilidade de tais projeções identificadoras da epidemia antiga pelas modernas Poole e Holladay (1979), Morgans e Littman (1992) e Percy (1992). Confira-se também o artigo de Bellemore e Plant (1994).

²⁶ Poole e Holladay 1984: 485.

²⁷ Tucídides II.48.1-2.

Atacou os atenienses, movendo seu fluxo sempre em sentido *descendente*, iniciando pelo alto, primeiro a cabeça (da testa pelos olhos, nariz, boca e garganta)²⁸, e então descendo corpo abaixo (peito, estômago)²⁹, a alcançar todos os extremos, membros *superiores e inferiores* (dedos das mãos e artelhos dos pés mais órgãos genitais).³⁰

Pestilência que ataca pelo alto e alastra-se como fogo, a avançar abaixo sua potência abrasadora corpo adentro, incediando órgãos a causar sensações de queimação, mas não exteriormente, ao toque da pele, por surpreendente anomalia.³¹ Anormalidade patológica de sintomas, portanto, desconcertantes, assim dúbios porque contraditoriamente duplos: a pele permanece fria, não esquentada e, todavia, o corpo queima por dentro! A (ir)realidade corpórea exterior nega a orgânica interior, pois o que se manifesta e sente por uma confunde o que se manifesta e sente pela outra e vice-versa.

Fato extraordinário e fenômeno estarecedor, assinalado pela confluência de paradoxos, anomalias e desordens. Tempo de anormalidades, porque situações e estados revertem no oposto. Assim, o médico não cura, pelo contrário, também ele morre, justo porque cuida do paciente³², de modo que o ensejo da cura viabiliza a amplificação da ruína, por peripécia que, ao almejar inútil salvação, termina obrando indesejada fatalidade.

Pestilência de contágio discriminado, discernindo destinos opostos de espaços integrados pela vida humana, contra aqueles outros que lhe são marginais, exteriores. Para o espaço humano, contágio inescapável, de que não se consegue nem evitar nem fugir, nem tampouco obstar os malefícios. Fenômeno que escapa ao domínio do *lógos* (“kreisson lógou: além dele”³³), Recursos e procedimentos do saber humano assim todos totalmente inúteis e impotentes, quer os exclusivamente humanos da racionalidade científica, especialmente pelas práticas médicas, quer os da piedade religiosa dependentes do favor divino, por quais fossem as práticas rituais de contato e súplica.³⁴ São os seres irracionais que, pelo contrário, nisso têm êxito, pois, por algum modo misterioso de precaução, se afastam de suas

²⁸ Tucídides II.49.2 e II.49.7.

²⁹ Tucídides II.49.3.

³⁰ Tucídides II.49.8.

³¹ Tucídides II.49.5.

³² Tucídides II.37.4.

³³ Marshall, 1990: 163; Hornblower, 1992: 323.

³⁴ Tucídides II.47.4.

fontes contaminadas, daquelas fontes mesmas de que, não obstante, dependem como subsistência alimentar.³⁵ Outras anomalias, portanto, pois é o provimento de vigor pela reiteração alimentar que causa a morte, e é a irracionalidade animal que (re)conhece o fenômeno.

Estado humano da mais total e absoluta impotência, a frustrar todas as iniciativas de enfrentamento do desastre. Tudo o que os homens podiam fazer, fizeram; todas as ações e medidas apropriadas e recomendadas de enfrentamento e luta, tomaram, tudo em vão. Esvaiu-se, pois, no nada o orgulho humano do comportamento digno, honroso, por combate heróico, intentando superar tais adversidades. Honra do poder humano antes humilhada implacavelmente pela doença. Assim, única ação que lhes restou, aos atenienses, foi sua própria negação: passadas as veleidades dos duelos inglórios de seu enfrentamento, entregaram-se ao sabor da doença, desistiram de lutar contra ela, deixaram-na simplesmente agir. Mais outras tantas anomalias, então, pois comportamentos humanos passaram a descair por modos de vida viciosos, indignos, desonrosos.³⁶ A peste contagia por sua desordem patológica toda a saúde da civilização humana, agora plenificando um alcance total, a abarcar também aquele âmbito de humanidade que, a princípio, ela não tinha materialmente poder de contaminar, de comprometer e desordenar, já que atuava propriamente apenas por manifestações físicas, corpóreas.

Conhecimentos médicos consagrados inutilizam-se, frustradas suas diretrizes orientadoras de procedimentos saneadores. A doença evacua todos os tipos de bile conhecidos dos médicos, incapacitando, pois, o saber de atacar a doença, dado que todas as sintomatologias biliosas aparecem igualmente. E evacuação de biles também contraditória em si mesma, se auto-negando, pois os defluxos não causam o que seria seu efeito próprio, normal: nenhum alívio delas advêm, pelo contrário, acompanham-se de grande desconforto. Fenômeno sempre *protéico*, que mistura multiplicidade de formas manifestadoras, assim contraditórias. A doença não dava qualquer pista de tratamento, de alívio, de mitigação: tem-se sede, mas não adianta beber, de que nem se trata o quanto, pois tanto faz beber muito quanto pouco: é sede em princípio porque ativa impulso natural de beber, mas também não é sede, já que não finaliza a satisfação natural que a move! Nem tampouco alivia a doença a via intrínscica que lhe é própria pela arte médica, o remédio ministrado, o qual antes abate e define o corpo, o vigor, tanto que só deixa para o indivíduo a (não) alternativa da inação do repouso e descanso: a própria doença

³⁵ Tucídides II.50.1-2.

³⁶ Tucídides II.51.5-53.3.

se nega como tal! E doença, para alguns, de sofrimento tanto mais prolongado, não aliviado nem mesmo pela morte que logo abatia outros no ápice crítico de sua potência, com o corpo humano reagindo ao contrário, antes oferecendo resistência por vigor ainda persistente.³⁷

Sintomas que, portanto, antes indiciam desorientações, desconcertam e frustram diagnósticos, extraviados por direções opostas.

Assim, a pestilência grassou em Atenas arruinando corpo e espírito de seus cidadãos, e então terminou, também misteriosamente, sem que nada a tivesse abatido ou sequer detido, simplesmente foi-se embora como e quando quis, tal a passagem pela terra do anjo de deus ... ou *demônio*! Foi justo como *daímon* que Tucídides, por voz dada a Péricles, nomeou a identidade da *peste de Atenas*, porque assim se reconhecesse toda impotência humana quando em confronto com fenômeno *daimonico*, nada então cabendo aos homens a não ser suportar com resignação tais ordens de aflições inevitáveis.³⁸

As evoluções patológicas da peste condizem, pois, com o que as categorias conceituais dos discursos míticos figuravam como certas divindades marinhas, tais Tétis e *Proteu*. Fenômeno, então, de modos *protéicos* de manifestação, variando em rápidas sucessões as formas assumidas pela doença, conhecendo mutações de ataques por todas as modalidades de elementos e humores (fogo, ar, húmido de defluxos...)³⁹, passando de uma parte do corpo para outra e deslocando sua sede orgânica de atuação, não se fixando nem num ponto nem definindo uma aparência identificadora. Aparições cambiantes, metamorfoses, de uma entidade que assim jamais se detém ou contém em forma fixa, compondo, antes, figura inapreensível.

Doença, diz Tucídides, a mais portentosa, que golpeará “pesadamente os atenienses”⁴⁰, vitimando “não menos de quatro mil hoplitas mais trezentos cavaleiros, sem que se pudesse estimar o total das demais perdas”.⁴¹ “Nada” nessa guerra, sentencia o historiador, “lhes fora mais opressivo e abatera mais gravemente seu

³⁷ Tucídides II.49.6.

³⁸ Tucídides II.64.

³⁹ Jean Rudhardt (1992: 82) aponta, por meio de uma variante etimológica (*chein*) preservada pelas concepções preservadas por Ovídio que associa a idéia de *Cháos* com "a mistura fluida em que todos os elementos estão combinados", a figuração desse *estado caótico de origem cosmogônica* referida justamente em Tétis e *Proteu*.

⁴⁰ Tucídides II.53.

⁴¹ Cerca de um terço do montante total de ambas. Estimam os críticos modernos em por volta de quinze mil as mortes de homens adultos (M.H. Hansen, referido por Hornblower

poderio”.⁴² Agressão patológica irresistível por contundente fulminância: num primeiro momento, sediada no peito e coração, as inflamações internas abrasadoras causavam já a morte em sete ou oito dias, sem todavia exaurir totalmente o vigor da vítima; já no segundo, superada a primeira crise e descendo a infecção para os intestinos, atacava e consumia as derradeiras reservas de energia vital. Mesmo para as vítimas não fatais, que escapavam à morte, persistia a eficácia patológica pela incapacitação física das seqüelas deixadas nas extremidades do corpo, quer inutilizando ações dos membros, sejam sexuais sejam de manipulação ou de locomoção, quer atingindo os órgãos de ação visual ou de capacidade mnemônica.

Tucídides, também ele acometido pela peste, diz, entretanto, ter ao longo de toda a guerra preservada plena potência de sua capacidade intelectual, justo por essa razão aprofundando a excelência verídica de sua história. Como e porque foi totalmente poupado, ficando isento de todas as mazelas e sequelas incapacitadoras que o ataque da doença causasse, não disse, antes silenciou. Apenas comenta que a doença não vitimava duas vezes a mesma pessoa, alguns escapando à morte, os quais sentiam-se tão afortunados que ganhavam uma confiança, por frívola que fosse, algo divina por se acreditarem imunes a ataques de qualquer (outra) doença.

Pelo mito homérico que narrava a errância de Menelau pelo Egito lá extraviado ignorante da via marítima que o levasse de volta a Esparta, diz-se qual fosse o recurso heróico com que enfrentar Proteu: aprisioná-lo em forte abraço, jamais intimidar-se perante todas as ameaças e pavores de suas aparências monstruosas, até que estas se esgotassem, a por fim assumir a forma humana, dotada de voz e expressão discursiva. Então o interrogasse, pois o *daímon*, agora civilizadamente benévolo, lhe revelaria em palavras os segredos que seu saber detinha. Similar feito heróico obrou Tucídides, sobrevivente incólume da peste de Atenas. Enfrentou-a pela potência do discurso narrativo, *apreendendo* em palavras os mistérios de sua manifestação⁴³, porque os homens vindouros pudessem valer-se de seu (re)conhecimento. O modo porque entendeu qual (i)mortalidade o *daímon* da peste desafiava realizou-se heroicamente como (escrita da) história.

v. 1, p. 494) e em torno de setenta a oitenta mil as baixas gerais dos atenienses (Gomme v.2, p. 388). Comparar outros registros e casos históricos em termos de mortandade.

⁴² Tucídides III.87.

⁴³ A idéia, porém por diferente viés hermenêutico, encontra-se já em June Allison (1997: 65-73).

Pelos paradoxos de (des)valia humana intrigados pela narrativa de Tucídides, a *Peste de Atenas, mithistória*⁴⁴ em miniatura, bem figura o proclama do *ktema es aei* no percurso da civilização ocidental: justo porque nenhuma outra peste a identifica, todas, da romana antiga em Lucrécio à (figurativa) argelina contemporânea em Camus, a reproduzem por variados ecos de sua memória. Quer pelas palavras quer por conexos silêncios historiantes, a virtuosidade tucidideana rescende a fulgurações heroizantes.

4. Em torno da Peste

Ora, por meados da década de 1990, entre 1994 e 1995 mais precisamente, em decorrência dos trabalhos de construção de uma estação do metrô de Atenas nas cercanias do antigo bairro do Cerâmico, as perfurações do subsolo depara-

⁴⁴ Nossa reflexão vale-se da idéia de que o processo de memorização histórica porque se dá a dialética entre *mito* e *lógos* possa ser equacionada em termos dos conceitos de *registro de memória e linguagem dominante versus recessivo*. Tais conceitos são utilizados no sentido de sua concepção propriamente genética como o supõe a reflexão formulada por Paul-Laurent Assoun em *Marx e a Repetição Histórica* (assoun 1979, p. 11). Por outro lado, tal configuração hermenêutica de pensar no corpo do texto a conjugação de uma memória e sentido dominante conta outra recessiva que a formulação *mithistória* denotasse toma também inspiração em uma reflexão de Hannah Arendt elaborada em *Entre o Passado e o Futuro* de que aqui reproduzimos os teores por nós assim entendidos (consta no ensaio *O Fardo e o Fio* editado em: <http://www.fflch.usp.br/dh/heros/>): "O que essa tradição revolucionária colocara como o fim da História nada mais é então, pela reflexão de Hannah Arendt, paradoxal e ironicamente o princípio, a *pólis* grega. É que, argumenta a teórica do pensamento político-filosófico, pesou contra Marx o que pesara também contra todos aqueles que, no século XIX (Kierkegard, Nietzche), ousaram desafiar e investir contra a tradição. Para inverter a hierarquia conceitual da tradição, para por Hegel de cabeça para baixo, o preço pago como tributo foi o fato subreptício de ter que supor os próprios conceitos da tradição que se pretendia inverter. O desafio ambicioso que almeja destruir a tradição, ao operar sua crítica, o faz, todavia, nos quadros das categorias e conceitos justamente teorizados por essa tradição, sendo dela prisioneiro. De modo que a crítica movida pelos agentes destruidores da tradição no século XIX, embora teçam o fim da tradição, não rompem com ela, nem quebram sua existência, antes a prolongam e a desdobram, fazendo-a perdurar e persistir na crítica e pela própria crítica. Daí seu irônico paradoxo, verdadeira peripécia que se tem por um desfecho exatamente oposto, inverso, ao almejado e intentado. Os mortos, pelo que é assim argumentado, não enterram seus mortos e, pior, os mortos ainda vivem e se reproduzem nos corpos mesmos de seus assassinos". Transferimos livremente essa reflexão para a crítica do *mito* que a inauguração da *história* entre os antigos gregos com Hecateu, Heródoto e especialmente Tucídides intriga. Confira-se, precisamente nesse sentido, nossa obra *Mithistória* (São Paulo, Humanitas--Fapesp, 1999).

ram-se com um verdadeiro sítio arqueológico composto por tumbas de cemitério contendo os restos ósseos de uns 150 cadáveres.⁴⁵ Sob “a pressão da urgência ditada pelos interesses da companhia construtora do metrô e seus contratantes particulares”, os arqueólogos gregos assodaram-se a excavar o sítio, em campanha conduzida por Efi Baziotopoulou-Valavani do III Eforato de Antiguidades. Entre as oferendas depositadas junto aos mortos, encontraram-se vasos de cerâmica, “a maioria deles datáveis em torno de 430 a.C., alguns pertencentes à década de 420, e apenas uns poucos do último quarto do século V”. Pelo que indiciavam os modos de disposição dos cadáveres no sepultamento (*completados às pressas a descurar os reclamos de piedade religiosa, de modo que se podia descartar que fossem guerreiros tomados em combate*), entendem os arqueólogos que aqueles mortos só podem ter sido as vítimas da peste que, diz Tucídides, grassara em Atenas logo no segundo ano da Guerra do Peloponeso, justo a data correspondente àqueles enterramentos.

Dispunha agora a ciência moderna de material empírico privilegiado provendo *evidências microbiológicas* preservadas nos ossos dos cadáveres por que se testasse o melhor diagnóstico quanto à etiologia daquela epidemia pestilenta, bem se reconhecendo sua identidade nomeadora. Em maio de 2006, uma equipe de cientistas gregos, entre médicos e arqueólogos⁴⁶ de várias universidades e instituições⁴⁷, publicou no *International Journal of Infectious Diseases*⁴⁸ um artigo em que, submetendo os *restos de polpa dental daqueles esqueletos ao exame de DNA graças aos modernos recursos tecnológicos da biologia molecular*, concluiu ter sido *a febre tifóide a provável causa da Peste de Atenas*.⁴⁹

⁴⁵ Plague Victims Found: Mass Burial in Athens, *Archaeological Institute of America* (www.archaeology.org/online/news/kerameikos.html), April 15, 1998.

⁴⁶ Manolis J. Papagrigrorakis, Christos Yapijakis, Philippos N. Synodinos and Effie Baziotopoulou-Valavani.

⁴⁷ Department of Orthodontics, Dental School, University of Athens; Laboratory of Molecular Neurobiology, Department of Neurology, University of Athens, Medical School; Third Ephorate of Prehistoric and Classical Antiquities, Greek Ministry of Culture; Museum of Craniofacial Evolution and Dental History, Dental School, University of Athens.

⁴⁸ Volume 10, Issue 3, May 2006, Pages 206-214.

⁴⁹ “The PCR and DNA sequencing results of this study demonstrate that an ancient strain of *Salmonella enterica* serovar Typhi was present in the dental pulp of three randomly selected individuals that were buried in a mass grave, dated back to the era of the Plague of Athens. (...) Therefore, in view of the results of our study, we conclude that a strain of *Salmonella enterica* serovar Typhi, or a bacterial species very closely related to it, if not *S. enterica* serovar Typhi-*stricto sensu*, was involved in the epidemic that devastated Athens

Cerca de dois milênios e meio depois, o enigma (“médico”) da peste exposto pela história tucídideana fora decifrado. Assegurados pelos mais avançados métodos científicos de (re)conhecimento de manifestações patológicas que abateram os homens ao longo de sua história no suposto de que sejam as mesmas, (só) agora podemos dizer “o que realmente ocorreu” em Atenas no segundo ano da Guerra do Peloponeso: uma *epidemia de tifo dizimou os atenienses*.

Mas, nomear por *tifo* o que Tucídides disse *loimón* por sua vez traduzido pelos pósteros por *peste*, supõe uma mesma e unívoca referência de realidade fenomênica memorizada como acontecimento histórico que fosse assim (re)conhecível por quaisquer avatares de sua conceitualização nomeadora? O padrão de racionalidade moderna porque *tifo* responde conceitualmente condiz com a perspectiva de percepção que memoriza *Peste de Atenas* e a constitui como *fato histórico* (tucídideano)? Os nexos dos conceitos equacionados por essa intriga cognitiva que dizem um conceito pelo outro, precisam e acertam o conhecimento do acontecimento passado apreendido no presente como *realidade histórica* apurada e depurada? Ou as reduções de conceitos assim operadas por transferências de linguagens, se positivam certos aspectos do acontecimento, não acarretam, em contrapartida, o desacerto de outros correspondentemente à *propós* (des)considerados?⁵⁰ Por esse jogo redutor dos conceitos, o que se perde de (cons)ciência humana⁵¹ ao subsumir a

in 430–426 BC. (...) In conclusion, the results of this study incriminate typhoid fever as a probable cause of the Plague of Athens”.

⁵⁰ Confirmam-se nossas ponderações anteriormente expostas em *Mithistória* e no parágrafo final que conclui nossa análise da narrativa tucídideana da segunda assembléia ateniense respeitante à campanha de Pilos-Esfactéria.

⁵¹ "Um fenômeno histórico, conhecido pura e completamente e resolvido em um fenômeno de conhecimento, é, para aquele que o conhece, morto: pois ele conheceu nele a ilusão, a injustiça, a paixão cega, e em geral todo o horizonte sombrio e terrestre desse fenômeno e ao mesmo tempo conheceu, precisamente nisso, sua potência histórica. Agora, essa potência tornou-se para ele, o que sabe, impotente: talvez ainda não para ele, o que vive. A história pensada como ciência pura e tornada soberana seria uma espécie de encerramento e balanço da vida para a humanidade. A cultura histórica, pelo contrário, só é algo salutar e que promete futuro em decorrência de um poderoso e novo fluxo de vida, por exemplo, de uma civilização vindo a ser, portanto somente quando é dominada e conduzida por uma força superior e não é ela mesma que domina e conduz. A história, na medida em que está a serviço da vida, está a serviço de uma potência a-histórica e por isso nunca, nessa subordinação, poderá e deverá tornar-se ciência pura, como, digamos, a matemática. Mas a questão até que grau a vida precisa em geral do serviço da história é uma das questões e cuidados mais altos no tocante à saúde de um homem, de um povo, de uma civilização. Pois, no caso de uma certa desmedida de história, a vida desmorona

memória do acontecimento pela objetivação do fato assim desconexo do olhar do sujeito que o percebe e constitui?

Especialmente, que (in)utilidade(s) e (des)valia(s) de (des)conhecimentos humanos comportam tais investigações científicas, médico-arqueológicas, porque se exploraram os restos fúnebres dos mortos pela *Peste de Atenas*? Qual limiar ético pode confinar os *direitos e honras dos mortos* contra as *necessidades e interesses dos vivos*? Justo pela data dessa descoberta científica que dita a nomenclatura (médica) da *Peste de Atenas*, Milcho Manchevski, cineasta macedônio, lançou um filme, *Shadows*, articulando todo um nexo de tradições histórico-etnológicas concernentes aos (supostos) povos "egéicos" compondo uma apreciação precisamente sobre esse impasse, a ensejar-nos desdobrar as reflexões desencadeadas em torno da *Peste de Atenas* por novos aportes cognitivos, por eles intrigando mais outros diálogos tucídideanos, a neles implicar bem mais histórias de *Lucrécio a Camus*!

Bem o ponderou o novelista americano, pela inteligência e beleza com que (re)cria em suas histórias os mitos antigos:

Stories last longer than men, stones than stories, stars than stones. But even our stars' nights are numbered, and with them will pass this patterned tale to a long-deceased earth. (...) to be the tale I tell to those with eyes to see and understanding to interpret; to raise you up forever and know that our story will never be cut off, but nightly rehearsed as long as men and women read the stars...⁵²

Ao que, então, preceitua ainda o novelista: *On with the stories!*⁵³

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLISON, June W. – *Word and Concept in Thucydides*, Atlanta, Scholars Press, 1997.
ASSOUN, Paul-Laurent. *Marx e a Repetição Histórica*, tradução de Wilson Sidney Lobato, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979.
BARTH, John – *Chimera*, New York, Fawcett Crest, 1993 [1972].
BARTH, John – Interlude 4. Telling and Listening to Stories, *Diogenes* 51.3 (2004): 133-134.

e degenera, e por fim, com essa degeneração, degenera também a própria história" (Nietzsche, 1974: 69).

⁵² Barth (1993: 67).

⁵³ Barth (2004: 134).

- BELLEMORE, J. e PLANT, I.M. – Thucydides, Rhetoric and Plague in Athens. *Athenaeum*, 82 (1994): 385-401.
- GOMME, A.W. – *A Historical Commentary on Thucydides*, v. II, Oxford, At The Clarendon Press, 1956.
- HOOKE, E.M. – Buboes in Thucydides? *The Journal of Hellenic Studies*, 8 (1958): 78-83.
- HORNBLOWER, Simon – *A Commentary on Thucydides*, v. I, Oxford, Clarendon Press, 1992.
- LICHTENTHAELER, Charles – *Thucydide et Hippocrate vus par un Historien-Médecin*, Genève, Librairie Droz, 1965.
- LITTMAN, R.J. – The Plague at Syracuse: 396 B.C., *Mnemosyne* 37.1/2 (1984): 110-116.
- MACARTHUR, W.P. – The Athenian Plague: A Medical Note, *The Classical Quarterly*, New Series 4.3/4 (1954): 171-174.
- MORENS, D.M. e LITTMAN, R.J. – Epidemiology of the Plague of Athens. *Transactions of the American Philological Association*, 122 (1992): 271-304
- MORENS, D.M. e LITTMAN, R.J. – Epidemiology of the Plague of Athens. *Transactions of the American Philological Association*, 122 (1992): 271-304
- MORGAN, T.E. – Plague or Poetry? Thucydides on the Epidemic at Athens. *Transactions of the American Philological Association*, 124 (1994): 197-209.
- MURARI Pires, Francisco – *Mithistoria*, São Paulo, Humanitas, 1999.
- MURARI Pires, Francisco – *Modernidades Tucidideanas*, São Paulo, EDUSP-FAPESP, 2007.
- MURARI Pires, Francisco – Prologue historiographique et proème épique: les principes de la narration en Grèce ancienne. *Quaderni di Storia* 58, luglio-dicembre (2003b): 73-94.
- MURARI Pires, Francisco (org.) – *Antigos e Modernos: diálogos sobre a (escrita da) história*, São Paulo, Alameda-Capes-CNPq, 2009.
- MURARI Pires, Francisco. *O Fardo e o Fio*. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dh/heros/>
- NIETZCHE, Friedrich – Da Utilidade e Desvantagem da História para a Vida. In *Obras Incompletas*. Seleção de textos de Gérard Lebrun e tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho, São Paulo, Editora Victor Civita, 1974, p. 66-69.

- PAGE, D. L. – The Plague: A Lay Comment on a Medical Note, *The Classical Quarterly*, New Series 4.3/4 (1954): 174.
- PAGE, D.L. – Thucydides' Description of the Great Plague at Athens, *The Classical Quarterly*, New Series 3.3/4 (1953): 97-119.
- PAPAGRIGORAKIS Manolis J., YAPIJAKIS, Christos, SYNODINOS N., BAZIOTOPOULOU-VALAVANI, Effie – DNA examination of ancient dental pulp incriminates typhoid fever as a probable cause of the Plague of Athens, *International Journal of Infectious Diseases*, Volume 10, Issue 3 (May 2006), p. 206-214.
- PEARCY, L.T. – Diagnosis as Narrative in Ancient Literature. *American Journal of Philology*, 113 (1992): 595-616.
- PLUTARCH – *Lives*, v. 3, with an English translation by Bernadotte Perrin, London-Cambridge, William Heinemann-Harvard University Press, 1958 [1916].
- PLUTARQUE – *Vies parallèles*, traduction d'Anne-Marie Ozanam, édition publiée sous la direction de François Hartog, Paris, Éditions Gallimard, 2001.
- POOLE, J.C.F e HOLLADAY, A.J. – Thucydides and the Plague: a Footnote. *Classical Quarterly* 32 (1982): 235-236.
- RUDHARDT, Jean – Deities of Water in Greek Mythology, in *Greek and Egyptian Mythologies*, compiled by Yves Bonnefoy, translated under the direction of Wendy Doniger, Chicago and London, The University of Chicago Press, 1992, 79-84.
- SALWAY, P. and DELL, W. – Plague at Athens, *Greece & Rome*, Second Series 2.2 (1955): 62-70.
- THUCYDIDE – *La Guerre du Péloponnèse*, Livre II, texte établi et traduit par Jacqueline de Romilly, Paris, Les Belles Lettres, 1962.
- WILLIAMS, E. Watson – The Sickness at Athens, *Greece & Rome*, Second Series 4.1 (1957): 98-103.
- WYLIE, J.A.H. and Stubbs, H.W. – The Plague of Athens: 430-428 B.C. Epidemic and Epizootic, *The Classical Quarterly*, New Series, 33.1 (1983): 6-11.

Abstract: *This essay proposes a (re)reading of the Thucydidean account of the Plague in Athens as a mythistory in miniature i.e. a historiographical narrative in the factual scale of a singular event the narrative of which contemplates the nexus of narrative principles configured by the Thucydidean conception of history in the terms that were laid out in my previous work (Mithistória, 1999). This essay suggests that the hermeneutics of this Thucydidean text supposes the complementary duality of a semantic game: the affirmation of the dominant logos of the language in which it expresses itself may conceal as recessive the memory of the language of the myth that would be (im)perceptibly elided.*

Keywords: *Thucydides, the Plague in Athens, mythistory*